



O MITO DO GAÚCHO E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ESTADUAL

Ticiane Pinto Garcia¹

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a disseminação do gaúcho histórico apresentado na literatura gaúcha. Vemos na literatura um anseio geral de demonstrar que o gaúcho é um homem ligado ao pastoreio, que trabalha nas estâncias. O gaúcho ganhou certa uniformização certo heroísmo, um homem de façanhas e virtudes. A partir da criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG surge uma determinada maneira de “ser gaúcho”, baseada em certos valores difundidos pelo gauchismo e pelo tradicionalismo, no sentido de entendê-la em sua historicidade e de uma forma não naturalizada. Esta maneira de “ser gaúcho”, não obteve nenhum empecilho para sua constituição. Ela foi forjada graças a inúmeras condições históricas que proporcionavam seu surgimento, esta que foi apropriada pela literatura, pela política e é utilizada para nomear todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul. Esta figura é construída e alimentada através de imagens e discursos. Este gaúcho histórico, é reconhecido por traços fortes e por um caráter que lhe é conferido, circula através de imagens e discursos em vários meios, tais como as escolas, a mídia, a publicidade e etc. Nesse contexto, é interessante analisar o caso de jovens que se reúnem em torno do universo do tradicionalismo gaúcho, através de instituições como os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) e de todas as atividades ali desenvolvidas, no sentido de marcarem um pertencimento identitário a partir de tal universo.

Introdução

A partir da criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG surge uma determinada maneira de “ser gaúcho”, baseada em certos valores difundidos pelo gauchismo e pelo tradicionalismo, no sentido de entendê-la em sua historicidade e de uma forma não naturalizada. Esta maneira de “ser gaúcho”, não obteve nenhum empecilho para sua constituição. Ela foi forjada graças a inúmeras condições históricas que proporcionavam seu surgimento, esta que foi apropriada pela literatura, pela política e é utilizada para nomear todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul.

Foi criado a um “ser gaúcho”, um homem de virtude, um homem de muitos feitos, que trabalha no campo e guerreia como ninguém. E hoje usa de recursos pedagógicos esta mitificação implantando nas crianças desde muito jovens este gaúcho mitificado. Além da

¹ Graduanda em História UFPel. E-mail: tycygarcia@hotmail.com.



mídia, as comemorações que “convida” o sujeito a tornar-se “um gaúcho típico” a partir do mito.

Nesse contexto, é interessante analisar o caso de jovens que se reúnem em torno do universo do tradicionalismo gaúcho, através de instituições como os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) e de todas as atividades ali desenvolvidas, no sentido de marcarem um pertencimento identitário a partir de tal universo.

O surgimento do MTG

A história do órgão pode ser contada a partir de vários momentos. Alguns reconhecem como ponto de partida a fundação do Grêmio Gaúcho em 1889 por Cezimbra Jacques. Outros com a primeira ronda gaúcha no colégio Júlio de Castilhos e ainda a criação do 35 CTG em 1948.

Este órgão serve como disciplinador, orientador das atividades de seus filiados e entidades associativas, além de a ele congregar mais de 1400 CTGs.

Segundo o site do movimento:

Através da atividade campeira, artística, literária, recreativa ou esportiva, que caracteriza sempre realçando os motivos tradicionais do Rio Grande do Sul. Procura através do tradicionalismo reforçar o núcleo de cultura rio-grandense, tendo em vista o indivíduo que tateia sem rumo e sem apoio dentro do caos de nossa época.

O primeiro centro de tradições gaúchas, o 35 CTG, foi fundado em Porto Alegre no Colégio Júlio de Castilhos, no ano de 1948. Alguns jovens sentiam-se invadidos pelo avanço da cultura norte-americana no país, a qual estaria descaracterizando o que eles consideravam ser a cultura sul-rio-grandense. Nesse sentido, eles buscavam “uma trilha, diante da perda de fisionomia regional que se processava. A descaracterização precisava ser combatida. O Rio Grande precisava reagauchar-se.

No dia 24 de abril de 1948 foi fundado o 35 CTG – Centro de Tradições Gaúchas, numa referência ao ano de deflagração da Revolução Farroupilha, em 1835. No início, seus fundadores pretendiam que o Centro fosse uma agremiação de, no máximo, trinta e cinco participantes, mas depois foi decidido que ela estaria aberta para todos os que dela quisessem



participar. O grupo passou então a se reunir aos sábados, para tomar chimarrão e imitar certos hábitos do interior, como as charlas dos peões nos galpões das estâncias. À criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, seguiu-se a “criação” de várias tradições, a fim de retomar os hábitos e os costumes da região da Campanha e das estâncias, as quais os fundadores do movimento julgavam ser as “autênticas” tradições gaúchas.

Depois da criação do 35 CTG houve, paulatinamente, uma proliferação de Centros de Tradições Gaúchas por todo o Estado do Rio Grande do Sul, em outros estados e no exterior. Muitos anos depois da criação do primeiro CTG, em 28 de outubro de 1966, no XII Congresso Tradicionalista, realizado em Tramandaí, foi criado o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG. O tradicionalismo, com todas as suas práticas institucionalizadas, funcionam como uma instância privilegiada na qual se aprende a “ser gaúcho”, fixando uma determinada identidade.

Origem e Função dos CTGs

Na metade do século XX houve um grande fluxo migratório de habitantes das regiões de pecuária extensiva e suas periferias em direção aos centros urbanos, em particular em Porto Alegre, atraídos pelas oportunidades de ascensão social oferecidas pela industrialização crescente e pela rápida expansão do setor terciário da economia gaúcha.

Estes em grande maioria quase que sempre de famílias de estratos inferiores da oligarquia ou das regiões mais atrasadas da campanha, alguns conseguiram não apenas estudar como também fazer carreira como profissionais liberais, pequenos empresários, etc. Mas estes marcados por seu passado agrário, sentiam-se como estranhos à cultura urbana.

Em consequência, buscando uma imagem em que pudessem reconhecer-se, voltam-se para seu passado e recriam na cidade um espaço cultural que os diferencie e os congregue. E que neste movimento de busca de sua própria identidade eles recuperem uma tradição bifronte: por um lado adotam elementos culturais na linguagem, no vestuário, na música, etc. e por outro, adotam elementos materializam esta cultura em escala até então nunca vista, a ideologia autojustificadora e destilada pelo estrato superior da oligarquia rural do passado, cuja cultura é preciso deixar bem claro, fora sempre rígida, marcada pela tradição européia.



Assim nascem os CTGs, recriando estilizadamente, as formas culturais dos deserdados do campo, mas enquadrando-as no brete ideológico em que haviam nascido.

Os CTGs ficaram inicialmente restritos a capital e às principais cidades do interior, reunindo migrantes, quase sempre de classe média, mas sem excluir representantes de segmentos sociais inferiores, desde que pudessem pagar o custo das pilchas, o que por si só sempre funciona como barreira seletiva.

O gauchismo uma tradição inventada

Segundo Hobsbawm, em seu modo de entender a invenção das tradições, “... na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial... elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória” (Hobsbawm, 1984, p. 10).

Ou seja, na verdade como bem sabemos os “gaúchos” de hoje não são uma reprodução real de seus ancestrais. No surgimento do CTG em Porto Alegre, as práticas já haviam sido modificadas com o infiltramento da cultura do sudeste e principalmente européia.

Então se convencionou um “tipo gaúcho”, para que haja o interesse de incorporar isto para si. Vemos então um modo de expressão que só existe dentro do próprio CTG, como: “*mas que bagualismo*”, “*que barbaridade*”..., ou a indumentária que só é usada no 20 de setembro, há uma lembrança instantânea de algo que originalmente nunca existira desta forma.

Tanto é uma tradição incorporada, repetida, forçada que a partir do estudo de Letícia Fonseca Richthofen de Freitas², com o trabalho intitulado “*Discurso e constituição de identidades juvenis*”, que podemos analisar jovens que os pais saíram do Rio Grande do Sul para morar no Estado do Mato Grosso do Sul e a eles foi incorporada a tradição e a costumes gaúchos através do CTG.

Este estudo foi baseado nas narrativas desses jovens, e através delas é possível perceber a aculturação recebida por estes jovens e através dos depoimentos de alguns pais

² Graduada em Letras, possui Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Educação. Professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Pelotas.



podemos perceber o anseio que existe de que mesmo longe estes jovens estejam englobados no modo como o “verdadeiro gaúcho” deve viver.

Destaco inicialmente o excerto de uma entrevista realizada com um jovem de 18 anos⁸, que, na época da entrevista, iniciaria um programa em uma rádio da cidade de Tangará da Serra:

***Entrevistadora** - Ah, é?*

***Altair** - Tô começando um programa gaúcho na rádio. Porque os programas gaúchos que têm aqui eu fico louco de ouvir.*

***Entrevistadora** - Tem muitos programas aqui?*

***Altair** - Tem bastante. É interessante porque a gente vai fazer uma coisa totalmente nova. A gente vai juntar a cultura com entretenimento, música, né? Música, e ao mesmo tempo a cultura. A gente vai, por exemplo, hoje a gente vai falar sobre, vamos dizer, indumentária gaúcha.*

***Entrevistadora** - Ah, tá! Vocês vão trabalhar e falar sobre isso.*

***Altair** - Vamos trabalhar isso junto. Um debate, uma mesa-redonda, e passando o que é para os ouvintes. E ao mesmo tempo escutando as músicas. Já até falei: só nativista.*

Neste relato podemos perceber a música como agente definidor da identidade dos jovens, segundo a autora, mesmo que os jovens não ouçam apenas aquele estilo musical, elas delimitam a identidade. A música seria o palco da formação da identidade do jovem através do meio de comunicação.

Segue, abaixo, um outro trecho da entrevista na qual Altair narra as suas aventuras e as de seus amigos, quando eles freqüentavam bailes gauchescos no CTG da cidade de Sorriso (MT):

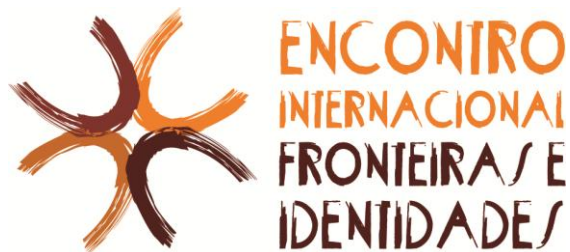
***Altair** - Tá louco! A gente dormia até no bagageiro do ônibus pra não sair do CTG.*

***Entrevistadora** - Pra não sair do CTG?*

***Altair** - Pra não sair porque era bom.*

***Altair** - Curtir até o último minuto.*

***Entrevistadora** - O último momento.*



Altair - Até o último sair de lá. Mas era muito bom lá. Lá o CTG é fenomenal. Maravilhoso! Grande! Muito grande.

Entrevistadora – Em Sorriso?

Altair - É. Se não me engano, é o maior CTG do país. Porque é onde é o centro, o CTG, é o parque de exposições também. Então, é tudo junto. Por isso que é grande daquele jeito. E eles estão comprando mais um sítio embaixo. Muita gente.

Como podemos ver o jovem já vê o CTG como seu universo, algo que o define, tanto que ele presume que o CTG da cidade de Sorriso seja o maior do país. O CTG trás a ele a sensação de pertencimento a tal cultura, para os pesquisadores de identidade ele ao entrar no CTG é obtida uma lembrança, mesmo que de um passado que ele nunca tenha vivido, mas sabe pela repetição da tradição que ele está em suas origens.

Muitos pais também demonstram o seu orgulho pelo fato de seus filhos possuírem o “sentimento de amor” pelo Rio Grande do Sul e pelas tradições – e provavelmente os incentiva –, como mostram os excertos abaixo:

Antares - Não, porque normalmente filhos de tradicionalistas, filhos de gaúchos, mesmo não tendo nascido lá têm esse sentimento de amor ao Rio Grande.

Alhena - Sim.

Entrevistadora - Começou por ti.

Antares - É. Começou por mim. Porque eu já não sou de lá e gosto, né? Agora o G usa bombacha. Toda semana farroupilha ele quer...

Alhena - A bombacha dele não serve mais. Tenho que comprar uma pra ele esse ano.

Entrevistadora - E ele sabe o que é a semana farroupilha, essas coisas?

Antares - Ele sabe, ele sabe tudo. Ele sempre cobra a gente. A semana farroupilha a gente sempre tem os programas, os folhetos, a programação da semana farroupilha. Quando ele vê a gente com aqueles troços na mão ele: “e a minha bombacha? E a bombacha? E a bombacha?”

Entrevistadora - E ela também se veste de prenda?

Antares - Veste, veste. Só não é aquela coisa assim, que nem a gente estava falando, né? Não dançam no grupo de dança, mas gostam de...



Alhena - Pelo fato de ter que dançar com um menino ela diz que tem vergonha, não quer dançar.

Entrevistadora - Tomam chimarrão e tudo?

Alhena - Tomam. Quando eu tô em casa de manhã que eu faço, eles tomam comigo. E o

Antares chama, mas nem com ele ela quer ir dançar lá. É tímida. É diferente.

Alhena- Mas isso eu acho muito interessante, como os filhos de gaúcho conseguem se conservar e se sentir... e cultivar as tradições e serem gaúchos, né? Sem ter nascido lá.

Como podemos ver os gaúchos que tem filhos em outros Estados do país, tentam também inserir seus filhos na cultura causando também o pertencimento.

O tradicionalismo de certa forma configura-se em uma forma de nacionalismo, um sentimento exacerbado de valorização e identificação com os costumes do Estado.

Mas há, também, o caso de jovens que não possuem pais ou familiares gaúchos e que, mesmo assim, participam de grupos de danças ou de atividades nos CTGs, como é o caso do garoto japonês mencionado na entrevista a seguir ou dos nordestinos:

Entrevistadora - Tem grupo mirim, né? (No CTG)

Alhena - Tem. Invernada mirim.

Antares - Não, mirim não. É juvenil.

Entrevistadora - E esses jovens são gaúchos ou são filhos, na sua grande maioria, que nasceram aqui ou em outros lugares?

Antares - A maioria nascido aqui. Maioria nascido aqui.

Alhena - Ali tem filhos de gaúchos e filhos de outros estados, de outras origens. Ali têm pessoas assim... tinha uma época, até nem sei se continua frequentando, um japonês que fazia parte do grupo.

Antares - Não. Ele não está mais.

Alhena - Não está mais, né? Mas tinha. Tinha um japonês que fazia parte do grupo de dança. Tem assim de todos... pessoas que nasceram aqui, pessoas que não são gaúchas e tal, mas que gostam e cultivam a tradição, participam. Então, o grupo de dança é bem mesclado. Não é formado só por tradicionalistas, só por pessoas descendentes de gaúchos. Não. Ele é bem diversificado.



Capella - Mas tem um detalhe, tem muitos gaúchos adotados, isso a gente faz muito. Meu filho, por exemplo, ele faz parte do grupo de dança, ele compra disco de música gaúcha, ele se identifica, e eu fico feliz porque eu penso, aí tá vivo, e os amigos dele já vão, por exemplo, no CTG, e nós temos no CTG não só filhos de gaúchos, nós temos nordestinos no CTG, eles começam a adotar.

Capella - Então isso é interessante como isso se esvai na cultura. Então eu penso assim, os filhos dos meus filhos, se a gente não se mantiver nessa ligação com o CTG permanente, ir lá no dia do baile, eu deixo o meu marido sozinho em casa em dia de baile e vou, porque ele não gosta, ele não sai, mas eu vou a tudo que é festa, dança, o que quer que seja, mas o CTG é uma coisa que eu cuido muito, porque vão todas as famílias com os seus filhos, independente de idade, a dança, lá é uma festa familiar. A minha irmã, o meu cunhado, pra ir ao baile nós vamos todos.

Podemos perceber a partir dessas entrevistas que os pais tem o interesse de compenetrar seus filhos em um centro de tradições para que a cultura não se perca, e se conservem através dos seus filhos, para que haja uma continuidade das mesmas.

A idéia de transmissão de valores e de tradições para as novas gerações é o que sempre deu sustentação a qualquer empreendimento educativo. Se por um lado existe o interesse de uma grande parte dos filhos de gaúchos pelas tradições – “ele cobra a gente” / “e a minha bombacha?” –, por outro se percebe que há, em muitos casos, um incentivo dos pais para que tal interesse se manifeste – “então eu penso assim, os filhos dos meus filhos, se a gente não se mantiver nessa ligação com CTG permanente, ir lá no dia do baile (...)”.

Um outro aspecto a ser levado em consideração quando se reflete sobre a identidade gaúcha formada diasporicamente diz respeito à aparente contradição entre, de um lado, o recrudescimento de todos os sistemas simbólicos mobilizados pelo gauchismo – frequentar CTGs, utilizar a indumentária gaúcha, tomar chimarrão etc. – e, por outro lado, todo o contexto mundial da globalização, o qual, de acordo com o que foi discutido anteriormente, propiciaria a construção de identidades mais globalizadas, inseridas nos padrões da modernidade-mundo (Ortiz, 2000).

Conclusão:



Podemos concluir que, o CTG tem hoje o papel de um lugar de memória, que segundo Pierre Nora desenvolve no seu já clássico texto *Entre memória e história – a problemática dos lugares*: a afirmativa de que não existe mais memória, que esta só é revivida e ritualizada numa tentativa de identificação por parte dos indivíduos e que a sociedade utiliza-se hoje da história para lhe conferir lugares onde pode pensar que não somos feitos de esquecimentos, mas, de lembranças: "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos que ela a ignora". Mesmo que de uma forma estilizada o CTG mantém viva a tradição e aludindo a um passado, a memória que dá sustentação a propagação da cultura.

Os objetos, as danças, as representações assinalam e confirmam o compartilhamento de uma origem comum, de um passado comum, que dá sustentação à identidade de grupo estruturada na italianidade. Assim, ele, o visitante, adulto, jovem ou criança, se vê como parte de tal história, reforçando, e mesmo moldando, seus sentimentos de identidade. “... *aquele que recorda, domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade.*”(CANDAU, 2012).

A cada nova visita o gaúcho apropria-se deste passado e das histórias enrustidas em cada espaço, nos costumes lá aplicados, assim mantendo “a memória do grupo”, que é transmitida a todos.

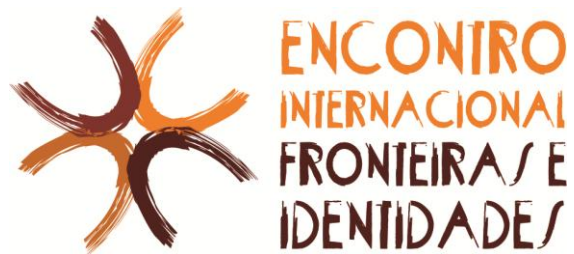
O CTG, tem a potencial função da rememoração, que segundo o dicionário significa: Incitar uma lembrança; fazer lembrar; despertar uma memória, uma idéia, um pensamento, etc.

Referências

FICHER, Luís Augusto. **Nós e os gaúchos** / coordenado por Sergius Gonzaga – Porto Alegre: ED. Universidade/UFRGS, 1992.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FREITAS, L. F. R. DISCURSO E CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES JUVENIS. In: Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso - SITED, 2010, Porto Alegre. **Anais do Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso** - SITED, 2010. V. 1. P. 288-295.



NORA, Pierre. **Entre memória e história**: A problemática dos lugares. Projeto História, nº10 – p 7-28, dez, 1993.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 5, n.10, 1992, p.200-212.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 2008.